

Redescobrimos estações arqueológicas à guarda do IICT

Inês Pinto* e Ana Godinho Coelho*

p. 161-167

O Instituto de Investigação Científica Tropical (IICT)¹ é detentor de um vasto património resultante das várias missões científicas aos trópicos. Trata-se de um rico e variado espólio histórico e científico, de onde se destacam as coleções das ciências naturais e das ciências sociais e humanas (Pinto *et alia*, 2011). Destas últimas selecionou-se a coleção arqueológica que foi sendo integrada na instituição ao longo de mais de quatro décadas (1936-1972) e possui material da Guiné-Bissau, Angola, Moçambique e Timor.

Este material (leia-se artefactos e documentação associada) foi recolhido em vários contextos e foi sendo depositado no ex. Centro de Pré-história e Arqueologia (CPHA), onde também foi produzida informação complementar. Os artefactos que compõem a coleção arqueológica são maioritariamente líticos, mas existem também cerâmicos e no caso de Timor, osteológicos, que para além destes reúnem material etno-arqueológico de cariz funerário (Roque *et alia*, 2006).

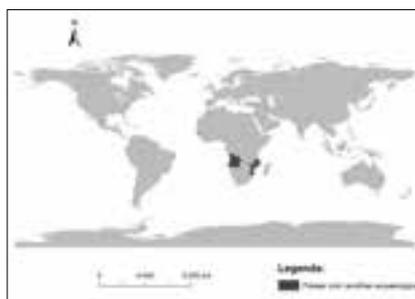


Figura 001 – Mapa com a localização dos países onde se efetuaram recolhas arqueológicas que se encontram à guarda do IICT.

	Angola	Guiné	Moçambique	Timor
N.º de artefactos	170 174	1 951	9 613	1 895
N.º de estações	341	1	96	20

Figura 002 – Tabela onde se apresentam os números de artefactos e estações distribuídas pelos países alvo de recolhas arqueológicas, atualmente no CPHA.

Tal como se pode observar na tabela da Figura 002, a coleção de Angola é a que possui maior número de artefactos, já inventariados e informatizados. Assume uma percentagem de 93 % em relação ao restante espólio alvo de tratamento sistemático e por esta razão foi selecionada como *case study* (Matos *et alia*, 2014).

* Fundação para a Ciência e a Tecnologia/Instituto de Investigação Científica Tropical/ULisboa. Projeto financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (Portugal), com duas bolsas de investigação atribuídas, com as referências: SFRH/BGCT/52440/2014 e SFRH/BGCT/52441/2014.

¹ O IICT foi integrado na Universidade de Lisboa a 31 de julho de 2015 (Decreto-Lei n.º 141/2015 de 31 de julho).



Figura 003 - Fotografia do abrigo de Pedra Quissange, Quibala MAA, 1955. Arquivo IICT.



Figura 004 – Notícia do Jornal “O Comércio” datado de 2-3-1967 com menção à escavação arqueológica de Capangombe Velho, Angola, dirigida por Miguel Ramos.

diária e as recolhas efetuadas. Entre estas destacam-se as fotografias, vídeos e as fichas manuais descritivas das estações e dos artefactos. Salientam-se ainda os artigos científicos e/ou artigos de imprensa que nos dão, hoje em dia, a percepção da grandeza e dimensão destas missões científicas aos Trópicos (Martins *et alia*, 2010).

No entanto e atendendo à quantidade de informação existente assistiu-se, ao longo dos tempos, a uma dispersão dos vários tipos de dados. Esta realidade motivou a inclusão de todas as informações respeitantes às missões científicas, em concreto às de cariz arqueológico, numa só estrutura agregadora dos vários níveis de informação, no caso uma base de dados em Access. Atendendo à possibilidade de todas as estações da coleção de Angola terem coordenadas geográficas houve a necessidade de as integrar num Sistema de Informação Geográfica (SIG) definido por Ozemoy, Smith e Sicherman (1981) como sendo

um «conjunto de funções automatizadas, que fornecem aos profissionais, capacidades avançadas de armazenamento, acesso, manipulação e visualização de informação georreferenciada». Neste caso concreto, os SIG são parte integrante do trabalho em curso uma vez que permitem ver as estações, em mapa, e ao mesmo tempo fazer a ligação com a base de dados (Coelho *et alia*, 2014). Mais do que um mapa com pontos, os SIG já permitem efetuar uma gestão dos dados, de forma rápida e menos complexa, armazenando, recuperando, transformando, analisando e visualizando toda a informação arqueológica disponível (Osório, 2013).



Figura 005 – Mapa da distribuição das estações arqueológicas de Angola, baseada nas fontes existentes (ainda sem revisão).

Assim e no momento em que se iniciaram os trabalhos de georreferenciação verificou-se a existência de alguns erros de localização de estações, como por exemplo estações situadas no mar (sabendo que todos os percursos das missões foram em terra), fora de Angola ou com a troca dos valores das coordenadas. Para contornar esta situação e dada a impossibilidade de rever as coordenadas *in situ* para todos os locais, tem-se vindo a corrigir toda a informação geográfica mediante o cruzamento dos dados existentes e compilados.

Neste contexto foi essencial o conhecimento do historial das missões que deram origem ao espólio arqueológico depositado no ex. CPHA do IICT. Destacamos as recolhas efetuadas em dois grandes momentos da história da arqueologia ultramarina: as Missões Antropobiológicas de Angola (MAA), que decorreram entre 1948 e 1955 por todo o território angolano e cujo responsável foi António de Almeida (1900-1984), primeiro diretor do Centro de Etnologia do Ultramar. O segundo momento correspondeu à Missão de Estudos no Sudoeste de Angola (MEASA) que decorreu entre 1966 e 1967, dirigida por Miguel Ramos (1932-1991), primeiro diretor do CPHA do IICT. A MAA teve como principal objetivo o conhecimento das características antropométricas do Homem africano e para além disso foram, ainda, recolhidos objetos que se relacionavam com a evolução do Homem (Almeida, 1962). Aqui incluem-se os vestígios arqueológicos resultantes, na esmagadora maioria, de recolhas de superfície. A MEASA foi uma missão de caráter arqueológico, com uma metodologia própria, focada numa só região de Angola – o sudoeste e com objetivos diferentes da MAA. Saliente-se, ainda, a existência de artefactos resultantes de recolhas fortuitas integradas noutras missões científicas (anos de 1970), como a Missão de Pedologia de Angola (MPA) (Ramos, 1980).

Como se pode verificar na tabela da Figura 008, na MAA existiram mais estações a serem identificadas do que na MEASA; no entanto, na MEASA recolheram-se mais artefactos, o



Figura 006 – Entrada do abrigo de Tchitundo-Filho, Namibe, MAA, 1955. Arquivo IICT.



Figura 007 – Pormenor da escavação arqueológica de Capangombe Velho, MEASA, 1966/67. Arquivo IICT.

	MAA	MEASA
DATAS	1948-1955	1966-1967
RESPONSÁVEL	António de Almeida	Miguel Ramos
LOCAL	Angola	SW de Angola
N.º DE ESTAÇÕES	295	27
N.º DE ARTEFACTOS	12 396	110 119

Figura 008 – Tabela resumo das duas grandes missões científicas a Angola. O número de estações e de artefactos apresentados são os inseridos em SIG até à data.



Figura 009 – Mapa de localização das estações arqueológicas de Angola. Estão assinaladas a branco as províncias nas quais não se encontram vestígios arqueológicos.

trabalhos efetuados anteriormente, «[...] começámos por efetuar uma prospecção regional baseada na localização das jazidas de que já havia referência (António de Almeida, Camarate França, Mouta e outros), procurando fazer novas descobertas» (Ramos, 1967: 3). Verificou que apesar da relativa uniformidade de estações identificadas em Angola, era no sudoeste que, ainda assim, existia uma maior concentração de vestígios arqueológicos tendo por isso centrado as suas investigações nesta zona.

Como já foi referido não foram identificados sítios arqueológicos em quatro províncias de Angola: Cuanza Norte, Lunda Norte, Lunda Sul e Moxico. Este facto leva-nos a questionar o porquê da não existência de estações naquelas províncias: não terão existido missões àquelas zonas ou simplesmente não existem vestígios arqueológicos?

Com o intuito de responder a estas questões e com o auxílio das ferramentas disponibilizadas pelos SIG, procedeu-se à reconstrução dos percursos levados a cabo no âmbito das MAA e MEASA.

que não deve ser de estranhar tendo em conta que foi uma missão de carácter arqueológico, tendo sido levada a cabo uma escavação organizada e sistematizada e onde se recolheram mais de 101 mil artefactos.

Após o trabalho de compilação de todas as fontes (artefactos e documentação associada) foi possível observar, em mapa, a distribuição das estações arqueológicas e artefactos recolhidos ao longo das duas grandes missões científicas.

Assim e atendendo ao carácter abrangente da MAA constatamos que as 295 estações e respetivos artefactos se encontram distribuídos de forma mais ou menos uniforme por catorze das dezoito províncias de Angola. Na MEASA o responsável desta missão, Miguel Ramos, já tinha um conhecimento prévio dos

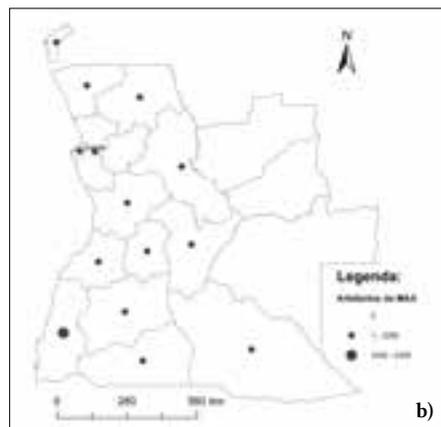
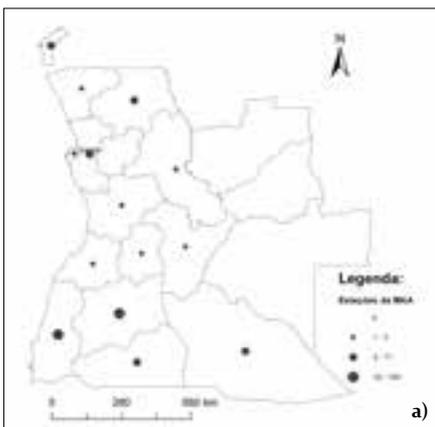


Figura 010 a, b – Mapas de densidade das estações arqueológicas de Angola (a) e respetivos artefactos (b), distribuídos por província (MAA).

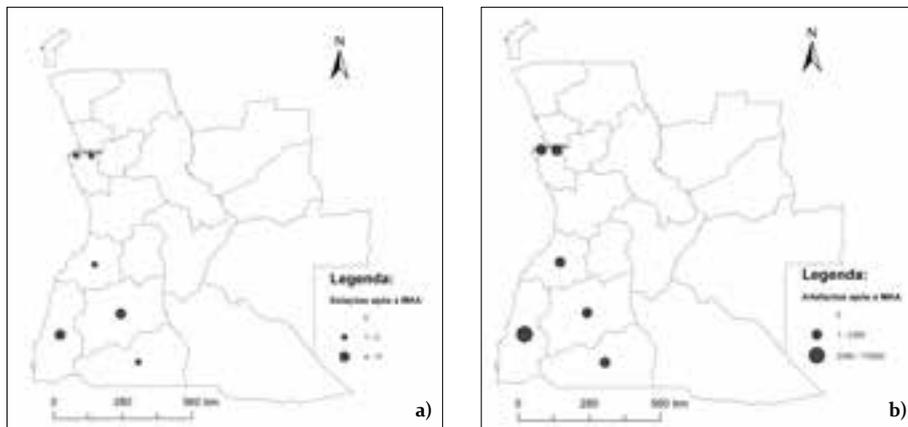


Figura 11 a, b – Mapas de densidade das estações arqueológicas de Angola (a) e respetivos artefactos (b), distribuídos por província (após a MAA).

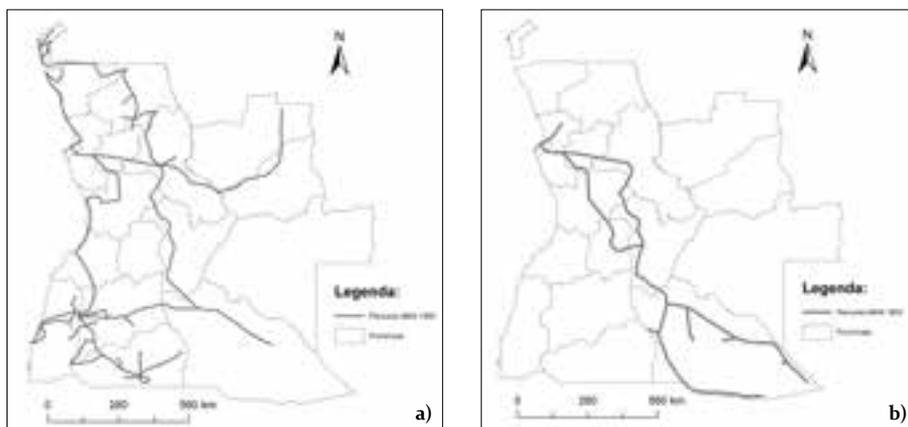


Figura 12 a, b, c – Mapas de três dos percursos da MAA: campanhas de 1950 (a), 1952 (b) e 1955 (c).



Para a MAA apresentamos três percursos que abarcam todo o território angolano: no primeiro a equipa dirigida por António de Almeida «[...] recolheu abundantíssimos e óptimos materiais pré-históricos em mais de uma centena de locais, no território de Cabinda e em todas as províncias de Angola» (Arquivo IICT, 1950), excetuando na província de Moxico; no segundo trajeto, a equipa centrou-se num “corredor” específico de Luanda ao Cuando-Cubango. Em 1955 incidiram as suas pesquisas no SW de Angola passando, no entanto, por Moxico onde a



Figura 013 – Mapa onde se encontram identificados os locais visitados durante a MEASA. Encontram-se a tracejado dois possíveis percursos.

recolha do ponto de vista arqueológico, terá sido inexistente (não foram encontrados, até ao momento, no ex. CPHA, vestígios recolhidos naquela província). Para a MEASA e com as informações disponíveis até ao momento não nos é possível determinar, com certeza, o percurso levado a cabo pela equipa de Miguel Ramos. Ainda assim, sabemos que «Após a chegada a Luanda [...] partimos de jeep para Sá da Bandeira, em cujos arredores iniciámos desde logo trabalhos de campo [...] Esta primeira fase do trabalho levou-nos a efetuar percursos que se estenderam para W., chegando à orla costeira, na região de Moçamedes [...]. Numa segunda fase de prospeção e reconhecimento, tivemos ocasião de visitar as regiões de Oncócuva, Virei e Porto Alexandre, onde além das estações líticas, observámos

manifestações de arte rupestre. Destas, evidenciámos as de Monte Negro, junto ao Cunene [...]» (Ramos, 1967: 3). Neste sentido no mapa da Figura 013 apresentam-se, a tracejado, dois possíveis percursos desta missão. As duas hipóteses de percurso foram conseguidas tendo em conta informações dispersas por relatórios e publicações científicas, ganhando ainda mais força quando confrontadas com os itinerários da MAA (Coelho *et alia*, 2015).

Em suma, salientamos dois momentos chave no enquadramento das coleções arqueológicas à guarda do IICT: um primeiro momento, entre 1948 e 1955 é caracterizado por um reconhecimento geral dos vestígios arqueológicos de Angola. O segundo momento decorreu entre 1966/1967 até aos anos de 1970 em que a investigação arqueológica se centrou no sudoeste de Angola e que, atendendo ao caráter específico da missão teve uma abordagem não só de confirmação das informações já existentes, mas também de «*prospeção com vista a encontrar novos sítios*» (Ramos, 1967: 1).

Após os dois momentos acima identificados e à luz dos atuais conhecimentos e das novas tecnologias, pretendemos recuperar as estações arqueológicas referenciadas ao longo de várias missões científicas e dar-lhes um novo sentido. É neste âmbito que surge o projeto *Georreferenciação das coleções científicas do IICT* aprovado em 2014 e financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT).

Este projeto apoia-se grandemente nas novas tecnologias, sobretudo nos SIG, que permitem o cruzamento de vários tipos de informações, efetuar o traçado concreto dos percursos das missões científicas aos trópicos, a localização exata das estações arqueológicas e por fim, a construção de modelos tridimensionais (3D) de sítios alvo de escavação.

Volvidos cerca de cinquenta anos dos trabalhos arqueológicos efetuados em Angola e apesar das naturais alterações na paisagem, há que chamar a atenção para a necessidade das informações existentes terem de ser reconfirmadas no terreno. Não sendo já possível chegar à fala com os principais intervenientes nas missões seria importante retomar as anteriores investigações, cruzando conhecimentos passados com os meios tecnológicos atuais. Por outro lado, é de extrema importância renovar parcerias com as instituições angolanas congéneres. Através dos contactos já estabelecidos sabemos que existe informação ainda não trabalhada à luz dos novos objetivos e que necessitaria de uma nova leitura.

Face ao exposto este novo olhar sobre a coleção arqueológica de Angola do IICT pretende contribuir para uma maior coerência e compreensão dos dados recolhidos ao longo das

várias missões científicas, através da reconstituição dos passos destas equipas. É igualmente nosso objetivo tornar visível todo este trabalho, divulgá-lo de forma a enriquecer a história da arqueologia ultramarina. Esperamos num futuro próximo ter resultados significativos para apresentar à comunidade científica nacional e internacional, em especial à comunidade angolana, cuja riqueza patrimonial ultrapassa fronteiras.

Este conhecimento do passado permitirá, no futuro, entender melhor as comunidades pré-históricas, as suas estratégias de povoamento, revisão de tipologias líticas e estádios culturais.

Referências bibliográficas

- Almeida, António de (1962), *Alguns aspectos da ocupação científica dos territórios do ultramar*, *Boletim da Academia das Ciências de Lisboa*, volume 34. Lisboa.
- Coelho, Ana Godinho, Pinto, Inês e Casanova & Maria da Conceição (2014), *A Coleção Arqueológica do IICT no Novo Milénio*, *Antrope*, n.º 1, pp. 6-22.
- Coelho, Ana Godinho e Pinto, Inês (2014), *Artefactos de Capangombe Velho, Angola: um projeto para o futuro. Comunicação apresentada no seminário de Arqueologia em África: conceitos, práticas e projectos*. Lisboa: SGL.
- Coelho, Ana Godinho, Pinto, Inês & Martins, Ana Cristina. (2015), *Os Percursos de Miguel Ramos (1932-1991)*, *Africana Studia*. Porto: Centro de Estudos Africanos (no prelo).
- Martins, Ana Cristina e Conde, Patrícia (2010), *O Século das Missões. A Ocupação Científica do Ultramar Português sob o Olhar da Imprensa, Viagens e Missões Científicas nos Trópicos*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical, pp. 39-44.
- Matos, Daniela de, Martins, Ana Cristina, Coelho, Ana Godinho, Pinto, Inês (2014), *Rediscovering and reinterpreting old data from the archeological collections of the Portuguese Scientific Missions in Southwestern Angola*. Florença: 4.º Colóquio Internacional ESHE.
- Osório, Marcos, (coord.) (2013), *Aplicações SIG em Arqueologia no Território Nacional*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Mestrado em Arqueologia e Território.
- Ozernoy, Vladimir M., Smith, Dennis R. and Sicherman, Alan (1981), *Evaluating Computerized Geographic Information Systems using Decision, Analyses*. *Interfaces* n.º 11, pp. 92-98.
- Pinto, Inês; Martins, Ana Cristina; Coelho, Ana Godinho; Fonseca, Paula, Ribeiro, Tiago; Mateus, Catarina (2011), *SIG como plataforma de acesso ao Saber Tropical – As coleções históricas e científicas do IICT*. Lisboa: Encontro de Utilizadores ESRI.
- Poloni, Rita (2012), *Expedições Arqueológicas nos Territórios do Ultramar: Uma Visão da Ciência e da Sociedade Portuguesa do Período Colonial*. Texto policopiado. Tese de doutoramento apresentada à Universidade do Algarve.
- Ramos, Miguel (1967), *Relatório sucinto de uma Missão de Estudo no Sudoeste de Angola (De 18 de Setembro de 1966 a 17 de Março de 1967)*, Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar.
- _____ (1980), *Nota acerca de um esferóide, do tipo bola, encontrado na área do Hoque, província do Lubango, Angola*. *Leba*, n.º 3, pp. 11-13.
- Roque, Ana Cristina e Ferrão, Lúcia (2006), *Centro de Pré-História e Arqueologia do Instituto de Investigação Científica Tropical: Percursos e Perspectivas*. XV Congresso da União Internacional das Ciências Pré-históricas e Proto-históricas. Lisboa.

Fontes manuscritas

Arquivo IICT. Centro de Estudos de Antropobiologia. Processo n.º 255. Instituto de Investigação Científica Tropical, Secção de Secretariado, Expediente e Arquivo.